

APRESENTAÇÃO

Em setembro de 2000 fui contratada como arquiteta da Diretoria de Administração do Campus (Dirac) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), onde já havia estagiado por um ano, quando participei de tentativas frustradas de desenvolvimento de um Caderno de Encargos e de um Caderno de Padronização de Materiais Construtivos.

Cerca de um mês depois, juntamente com o colega Leonardo Lacerda, fui convidada pelo arquiteto Jorge Castro - arquiteto da Fiocruz e nosso ex-professor na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU/UFF) - a orientar um grupo de alunos da disciplina Planejamento e Controle, desta mesma Escola, no desenvolvimento de um exercício de Avaliação Pós-Ocupação¹ em algumas edificações do campus de Manguinhos.

Naquela ocasião, travei meu primeiro contato com a APO. Como contávamos com pouco tempo e nenhum conhecimento, toda a informação que utilizamos para orientar os alunos e preparar as ferramentas de avaliação foram extraídas de nossa única referência bibliográfica na época: o livro "Avaliação Pós Ocupação do Ambiente Construído", de autoria da Prof. Sheila Walbe Ornstein, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). O exercício desenvolvido pelos alunos consistiu na aplicação de questionários junto aos usuários das edificações, abordando diversas questões relativas à qualidade e desempenho do ambiente construído retiradas do livro e de nossa então curta experiência na instituição.

A experiência do acompanhamento dos alunos na pesquisa e na compilação dos resultados indicou que os entrevistados tinham muito a dizer sobre aqueles edifícios, e que uma avaliação sistemática e periódica seria fundamental para a melhoria da qualidade dos projetos, obras e manutenção, e para a verificação do nível de satisfação dos usuários com os ambientes. Passei a considerar este tipo de avaliação uma prática desejável para os arquitetos e demais profissionais envolvidos na produção e conservação do espaço. Como foi possível ter desenvolvido todos os meus trabalhos acadêmicos, inclusive o trabalho final de graduação,

¹ "A Avaliação Pós-Ocupação [APO] é uma das metodologias correntes de avaliação de desempenho de ambientes construídos. Difere de outras metodologias (...), pois mesmo resgatando como subsídios de análise a memória da produção do edifício, prioriza aspectos de uso, operação e manutenção, considerando essencial o ponto de vista dos usuários, *in loco*." (ORNSTEIN, 1992: 12)

sem uma avaliação prévia do desempenho de outros ambientes de programa semelhante e, pior ainda, sem uma pesquisa junto aos usuários?

A partir daí, a equipe envolvida nesta primeira experiência começou a repensar seus conceitos. A Dirac decidiu implantar o Programa de Avaliação Pós-Ocupação das edificações da Fiocruz; e eu comecei a pensar em voltar a estudar arquitetura.

Nossa primeira iniciativa após a implantação do novo programa foi contatar a Prof. Sheila Ornstein, que nos indicou o Prof. Paulo Afonso Rheingantz como consultor de APO no Rio de Janeiro. Assim, firmou-se convênio entre a Dirac/Fiocruz e o Proarq/FAU/UFRJ, que gerou a consultoria para consolidação de uma base teórica e conceitual adaptada às características institucionais, e que permitiu a elaboração das primeiras ferramentas de avaliação e dos primeiros modelos de relatório. Desde então, foram concluídos oito projetos de APO em edificações da Fiocruz e o nono encontra-se em desenvolvimento².

Logo nas primeiras experiências em campo, sentia falta de um aprofundamento teórico que a agilidade necessária ao trabalho institucional não permitia. A questão principal era, ao meu ver, o espaço restrito dado à participação dos usuários, pois a percepção que eles tinham dos ambientes me parecia muito mais rica do que podíamos captar em nossas visitas.

A intenção de desenvolver uma pesquisa centrada na relação do usuário com o ambiente construído, além de uma necessidade profissional, passou a ser uma espécie de dívida pessoal, por a ter subestimado em todos os projetos desenvolvidos no curso de graduação - o que é absolutamente contraditório com a minha visão da arquitetura e de mundo.

O vínculo do Programa de APO da Fiocruz com o Grupo Projeto e Qualidade do Lugar (Pro-Lugar) do Proarq motivou a minha candidatura ao mestrado em arquitetura na área de Teoria e Projeto. Desde o início, meu objetivo foi tentar aproximar o conhecimento teórico adquirido no mestrado do conhecimento prático adquirido através da experiência profissional. Para isso, assumi o compromisso de desenvolver um estudo de caso num ambiente da Fiocruz.

² Foram concluídos os projetos de Avaliação Pós-Ocupação dos pavilhões Gomes de Faria, Cardoso Fontes, Instituto Fernandes Figueira (todo o campus), Pavilhão Leonidas Deane, Escola Nacional de Saúde Pública (Pavilhão Ernani Braga), Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria, Pavilhão Carlos Chagas e Pavilhão Maria Deane. Atualmente, encontra-se em andamento o projeto de APO da Expansão do Campus.

A escolha de uma unidade assistencial sempre me pareceu atraente pela complexidade do ambiente, que abriga diversos tipos de usuários e emoções diversas. A excelente receptividade que tivemos no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria³, na ocasião do desenvolvimento do trabalho de avaliação nesta unidade, resultou numa interessante experiência de participação do usuário, fruto da parceria com o grupo de pesquisa do Centro de Saúde sobre o uso do espaço coletivo, e não deixou mais dúvidas quanto à escolha do objeto para o meu estudo de caso.

Todo o processo de reflexão e pesquisa iniciado a partir do meu ingresso no Proarq tem contribuído para o enriquecimento do trabalho da Fiocruz, através da inclusão de novos métodos e instrumentos de avaliação e da consolidação dos critérios de análise. Por outro lado, desde então, as experiências institucionais têm sido publicadas e apresentadas em congressos e feiras, contribuindo para o enriquecimento da discussão teórica e conceitual, através da possibilidade de análise de uma experiência prática.

Pelas razões apresentadas, esta pesquisa foi desenvolvida com base na crença de que a razão ética da arquitetura é tornar a vida dos homens sobre a Terra mais agradável, se traduzindo num importante agente na melhoria da qualidade de vida. Esta crença vai ao encontro do paradigma emergente da saúde pública no mundo, que considera a saúde como qualidade de vida e, dentro deste contexto, como resultado de um conjunto de aspectos aonde o ambiente é um fator essencial. A qualidade de vida a que me refiro neste trabalho pressupõe a busca da qualidade de vida no presente, sem diminuir suas possibilidades no futuro, a partir do ponto de vista do desenvolvimento sustentável.

Acredito que esta visão de mundo justifique a relevância do tema estudado e a adoção dos paradigmas a partir dos quais se deu a transformação do conhecimento, todos fundamentados na complexidade, na contextualização e no compromisso social de toda atividade humana.

Os conceitos fundamentais apresentados justificam, também, a adoção de uma abordagem cognitiva nesta pesquisa, entendendo cognição como um processo que "envolve percepção, emoção e ação - todo o processo da vida" (CAPRA, 1996: 145). Desta forma, este trabalho deve ser compreendido como um exercício de observação, aonde "o observador acontece no observar" (MATURANA, 2001: 126).

³ Departamento da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), unidade de ensino e pesquisa da Fiocruz.

O grande desafio deste trabalho é, portanto, propor a utilização dos instrumentos e aplicação dos conhecimentos em avaliação de desempenho do ambiente construído para elaborar propostas que atendam às reivindicações emergentes de produção de ambientes **saudáveis**, a partir da visão de saúde da comunidade envolvida, **agradáveis** aos seus usuários e **sustentáveis**, isto é "...onde podemos satisfazer as nossas necessidades e aspirações sem diminuir as chances de gerações futuras." (CAPRA, 1996: 24)